

## A Relação da Internacional Situacionista com os Intelectuais de seu Tempo: Uma Querela com Sartre

Marcus Vinícius Costa da Conceição\*

Desde o seu início, em 1957, a Internacional Situacionista (IS) teve como característica agrupar, em seu meio, grupos dissonantes, mas que tivessem uma certa perspectiva de ação em comum, apesar de que, desde o início, os problemas referentes aos métodos de ação já eram um problema no grupo. Porém, a IS teve um mérito além, que foi de conseguir ler as experiências históricas do seu período e posicionar-se de maneira muito clara em relação a elas, como se pode observar em relação à libertação da Argélia e ao Maio de 1968.

Desta forma, não é possível pensar na forma como a IS se elaborou sem levar em consideração as pessoas e grupos que ela se colocou em contraposição para a construção de suas teses. A França teve, na década de 1960, uma grande diversidade na sua esquerda, passando por grupos políticos que estavam imersos na política institucional (como o Partido Comunista Francês), intelectuais independentes (Sartre), intelectuais ligados ao ensino superior (como Henri Lefebvre) e grupos das mais diversas correntes políticas (Socialismo ou Barbárie, *Information Correspondance Ouvrière*<sup>1</sup>- ICO, *Énrages*).

A forma como a IS se portava perante esses grupos e como ela se relacionava com eles foi demonstrada através de seus escritos em que ela coloca quais eram os objetivos de se relacionar com outros grupos revolucionários e qual a função que ela entendeu para uma organização que se dizia revolucionária.

Anselm Jappe (1999) demonstra de maneira bastante clara como essa relação é estabelecida entre os situacionistas e esses grupos e vários autores de destaque do seu período. Jappe demonstra que essa relação estabelecida é com as mais diversas tendências e grupos, até mesmo aqueles que ela se mostra distante teoricamente. Para Jappe, é possível achar essa vinculação até mesmo em Sartre, autor que a IS sempre fez questão de combater e desprezar

---

\* Doutorando em Sociologia/UFG, com bolsa Capes, Mestre em História, Poder e Práticas Sociais/UNIOESTE e Graduado em História/UEG.

<sup>1</sup> *Information Correspondance Ouvrière* foi fundado em 1958 a partir de uma dissidência do Socialismo e Barbárie e tinha como princípios a autonomia operária e os conselhos operários, além de rechaçar as teses leninistas sobre a organização. Para maiores informações GOMBIN (1972).

O marxismo humanista e historicista de Sartre apresenta mais de uma analogia com as ideias dos situacionistas, ainda que eles manifestem desprezo por esse pensador considerado stalinista, um eclético ou simplesmente um “imbecil” (IS, 10/75 [79]). Os situacionistas, como Lefebvre ante deles, criticavam o existencialismo por partir do vivido tal como se apresenta e por identifica-lo com todo o horizonte possível do real. Mas é inegável que já se encontra em Sartre, ainda que em termos diferentes, os temas “situação”, do “projeto”, do vivido da práxis. (JAPPE, 1999, 163).

Desde os seus primeiros escritos, a IS teve a preocupação de tentar estabelecer uma ligação com outros grupos revolucionários, porém deixando clara a sua forma de organização e o que eles definiam para a cooperação. Num primeiro momento mais ligado às suas ações artísticas e, posteriormente, mais ligado a uma ação revolucionária. Isto ficou claro no seu manifesto quando ela definiu os seus objetivos

A partir de agora, propomos uma organização autônoma dos produtores da nova cultura independente das organizações políticas e sindicais que existem nesse momento, pois nós negamos a possibilidade de organizar algo que não seja o condicionamento do existente. (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2001, 144)

Esta visão da IS, de ser um grupo aglutinador em torno de uma política cultural revolucionária, pode ser entendida como a primeira tentativa de ela se tornar um movimento capaz de destruir a institucionalização pela qual passava a arte e construí-la a partir de novos paradigmas, baseados nas construções das “situações”, capazes de inverter a lógica alienada que dominava a vida cotidiana. Esta postura fez com que a IS realizasse, neste período, várias intervenções urbanas com pinturas e técnicas de apropriação do espaço urbano, na tentativa de reconstrução de uma nova vida cotidiana. Esta postura de encarar a arte como a idealizadora de uma revolução foi sendo abandonada na medida em que a IS passava a ter contato com outros grupos mais ligados a uma perspectiva de ação revolucionária vinculada a uma atuação do proletariado.

A IS não via a atuação do proletariado ligada à atuação de partidos e sindicatos, por isso se negava a participar de movimentos em que estes estivessem presentes, formando alianças com eles. Para a IS, os partidos e os sindicatos eram os responsáveis pela desestruturação dos movimentos de massa e das revoluções, uma vez que, eles se designavam como os portadores da revolução e, para fazerem isso, precisavam passar por cima dos trabalhadores para lhes usurpar o poder. “A tomada do monopólio estatal da representação e da defesa do poder dos operários, que justificou o partido bolchevique, fez com que *ele se tornasse o que era*: o partido dos *proprietários do proletariado*, eliminando no essencial as formas anteriores de propriedade” (DEBORD, 2006, 69).

Porém, no pós-guerra, quando os partidos comunistas, rodeando a órbita de Moscou, não demonstravam mais o “afinco revolucionário” de antes e já se comportavam como exímios aparatos institucionais, abriu-se um novo protagonismo revolucionário pertencente ao intelectual de esquerda. Não mais aquele, como Lênin em 1917, que era vinculado ao partido, mas aquele que agia de acordo com as suas noções de contestação, porém nunca perdendo de vista o proletariado como protagonista.

Por enxergarem esse novo protagonismo desses intelectuais que a IS, os escolheu como um alvo a ser combatido. Isso ficou claro nos seus ataques a Sartre, Morin, e Henri Lefebvre. Porém, os ataques não foram simples ofensas, mas sim, tiveram a função de demonstrar o papel dos intelectuais, mesmo os ditos de esquerda, dentro do sistema. Era a área de atuação desses intelectuais, foi a mesma na qual a IS atuou, a cultura.

Apesar dessa crítica aos intelectuais, a IS, assumindo isso ou não, desempenhou um papel intelectual, que na verdade foi rejeitado por eles. É inegável que a forma de luta escolhida pela IS se deu no campo cultural, sobretudo com publicações, que procuravam orientar e analisar os problemas, os desafios, enfrentados na sociedade contemporânea.

A IS se propõe a ser a mais alta expressão da consciência revolucionária internacional, esforçando-se por clarear e coordenar os atos da negação e dos sinais da criatividade que definem os novos contornos do proletariado, a vontade irredutível da emancipação. (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2004, 146)

Esta escolha ocorreu porque eles viam que, naquele momento, havia um refluxo no movimento revolucionário e caberia este tipo de ação com vistas a preparar o terreno para uma ação revolucionária, algo que para eles acabou ocorrendo em 1968.

Apesar de desenvolver esse papel de intelectual, como foi observado, eles, em momento nenhum, aceitaram-se enquanto uma intelectualidade institucionalizada, atitude demonstrada em alguns fatos, como Guy Debord se auto-intitular “doutor em nada”, não comparecer a uma conferência a convite de Henri Lefebvre e em seu lugar mandar um gravador com a palestra e, principalmente, pela postura que tinham em relação aos intelectuais de esquerda (utilizando-se, aqui, da concepção de Sartre), uma vez que negavam qualquer contato com eles, até mesmo Henri Lefebvre, com o qual mantiveram contato profundo em trocas de experiências, foi, posteriormente, colocado sobre crítica feroz: “O metafilósofo Lefebvre é menos estúpido do que o parafilósofo Morin. Mas o metastalinista devia fazer o favor de calar a boca quando se trata de classes.” (OS ENRAGÉS in INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2002, 136).

Quando a IS partiu para definir os contornos da sua atuação junto com outros grupos, com o intuito de avançar na formulação de uma política revolucionária que fosse capaz de criar condições para o apoio ao proletariado, o primeiro ponto e o primordial colocado pelos situacionistas foi o reconhecimento dos conselhos operários como únicos constituidores do poder real dos trabalhadores. Esse ponto em si, já afastava muitos grupos (principalmente os partidos e os sindicatos), mas também, aproximava outros que operavam baseados nos princípios da autogestão e da autonomia operária. Porém, a necessidade que a IS detinha que manter esses grupos perante as suas regras, fez com que o contato fosse quase impossível e, quando existente, fosse efêmero. Perniola (2009) já observava essa característica da IS em 1972, ano de dissolução do grupo e a caracteriza como sendo sectarismo, uma vez que, “a cada problema não existe senão *uma só* resposta revolucionária, aquela da IS” (PERNIOLA, 2009, 38). Para ele, essa característica era ainda uma herança deixada pela formação artística dos situacionistas, uma vez que, nesta atividade, a subjetividade impera e não há espaço para opiniões discordantes.

Esta visão de Perniola pode ser vista nos dois artigos que os situacionistas publicaram sobre a ICO nos números 11 e 12 de sua revista. A mudança de postura em relação à posição do grupo foi sintomática, passando de uma concordância quase que geral de teses – tendo, desacordo em uma fundamental: a necessidade do grupo de teorizar a sociedade contemporânea – para uma crítica radical do grupo, a partir de um momento em que o conhecem de fato, demonstrando que as teses defendidas na sua revista não correspondiam à prática, uma vez que a presença da hierarquia oculta, de omissões e de ataques a grupos iguais demonstravam para a IS que eles tendiam mais para uma “ideologia antissindicalista da época dos grupelhos” (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2001, 626).

### **Sartre: o intelectual engajado**

Pensar a relação entre a Internacional Situacionista e Sartre é pensar uma relação em que as ideias muitas vezes confluem, mas que, por causa da roupagem que cada um deles se coloca, o debate se torna quase que impossível, apesar dos pontos em comum. A visão de Sartre, autodeclarando-se como um intelectual de esquerda, já era para a IS um

erro inaceitável, visto a posição que este grupo desempenha nas críticas revolucionárias da sociedade atual, não aceitas pelos situacionistas.

Diferentemente do que acontece com Henri Lefebvre<sup>2</sup>, a IS não destinou muitos textos especificamente para atacar Sartre, existe somente um, sendo que as posições precisam ser retiradas a partir das posições defendidas entre a IS e Sartre.

As análises de Sartre sobre a intelectualidade não estavam preocupadas em saber como essa classe se constituiu historicamente, mas sim, como ele veio atuando na sociedade moderna. Partindo desse princípio, Sartre fez uma afirmação polêmica ao dizer que somente é possível existir intelectual se ele for de esquerda

Não considero que um intelectual exista sem ser “de esquerda”. É certo que há pessoas que escrevem livros ou ensaios e que pertencem à direita. Mas, para mim, não basta que um homem faça funcionar a sua inteligência para que seja um intelectual. (SARTRE, 1971, 11)

No seu livro, *Que é a literatura?* Sartre (2004) vai buscar responder o que é um intelectual engajado. Para ele, “O escritor ‘engajado’ sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar” (SARTRE, 2004, 20). Sartre nega a arte pela arte, como buscava os burgueses no século XIX, pois a arte sempre tem uma função social, cabendo ao intelectual levar ao processo de reflexão, sendo que cabia a literatura esse papel mais destacado

A literatura é, por essência, a subjetividade de uma sociedade em revolução permanente. Numa tal sociedade ela superaria a antinomia entre a palavra e a ação. Decerto, em caso algum ela seria assimilável a um ato: é falso que o autor *aja* sobre leitores, ele apenas faz um apelo a liberdade deles, e para que as suas obras surtam qualquer efeito, é preciso que o público as assuma por meio de uma decisão incondicionada. Mas numa coletividade que se retoma sem cessar, que se julga e se metamorfoseia, a obra escrita pode ser condição essencial da ação, ou seja, o momento da consciência reflexiva (SARTRE, 2004, 120).

Essa abordagem de Sartre sobre o papel dos intelectuais foi formulada, como demonstra Winock (2000), a partir da sua participação na resistência francesa, participação que, diferentemente de outros escritores como Jean-Toussaint Desanti, não ocorre na resistência armada, mas sim, na publicação de escritos clandestinos.

A própria denominação do intelectual para Sartre foi voltada aos aspectos tradicionais, uma vez que ele considerava o intelectual como sendo os “teóricos do saber prático”. Essa afirmação por si só gerou toda uma série de problemas que acabou desencadeando na sua análise do Estado Soviético e da Revolução Cubana.

---

<sup>2</sup> Para uma visão mais ampla sobre as relações entre Lefebvre e a IS ver Conceição (2011).

A posição desenvolvida pelo intelectual na sociedade capitalista é contraditória, como afirmou o autor, pois é um movimento de afirmação/negação constante em suas atitudes. Isto ocorre, sobretudo, através do processo educacional. O indivíduo é criado e educado em uma sociedade burguesa, onde lhe são passados todos os valores, ideologias e preconceitos, além de ser formado em uma técnica específica, que não é capaz de lhe proporcionar uma visão universal da sociedade. Porém, ao assumir esta postura de intelectual, ele é obrigado a conviver com essas determinações que lhe foram passadas pela sociedade burguesa e ser capaz de assumir, como um técnico universal, portando-se do lado dos desfavorecidos.

Para a definição desse intelectual que Sartre propõe, ele trouxe dois elementos teóricos:

O primeiro critério teórico que eles têm vem da sua atividade: é a racionalidade. Para eles, existe relação rigorosa entre a universalidade que é o próprio produto da razão prática e dialética e as classes que suportam, negativamente, o universal. O segundo critério do intelectual deve ser a radicalidade. É que na luta entre o irracional particular e o universal não existe compromisso possível: só pode tratar-se da destruição radical do particular. (SARTRE, 1971, 14-15).

Esses dois critérios dizem muito sobre a posição de Sartre. Primeiramente na defesa do intelectual enquanto o detentor de uma racionalidade dada, em que cabe a ele se contrapor a irracionalidade instalada pela sociedade burguesa e segundo, pelo fato de compreender que a radicalidade é o elemento para se ultrapassar a contradição permanente em que se vive neste mundo. Porém, o intelectual, ao viver nesta radicalidade, muitas vezes acaba caindo em um esquerdismo que, para Sartre, o ofusca de suas verdadeiras intenções e acaba fazendo que ele tome atitudes erradas, como no momento de uma adesão a um determinado partido, por exemplo, sem observar as possibilidades revolucionárias desse grupo. Mas, para ele, existem alguns fatores que podem barrar esse esquerdismo do intelectual e fazer com que o intelectual possa desempenhar a sua função de ligação entre a teoria e a prática. A primeira é a busca da verdade, pois “A verdade é aquilo que a ação descobre como campo de possibilidades reais.” (SARTRE, 1971, 16), e, dessa forma, o impede de fazer análises erráticas sobre possíveis situações revolucionárias. O outro é mais uma das tantas contradições que o intelectual precisa enfrentar, mas esta é específica por estar situada dentro da lógica do partido, e é entre disciplina e crítica. Essa contradição, como ele abordou, diz-se, prioritariamente, sobre o papel de algumas críticas de intelectuais de esquerda que estavam sendo realizadas contra a União Soviética. Neste ponto, Sartre percorreu um caminho obscuro, pois minimizou

as suas críticas à URSS, o que para ele era uma forma de não atingir o primeiro Estado operário, porém, ao assumir essa posição, ele abriu caminho para a aceitação de todos os desvios que ocorreram no período pós-1917. Este posicionamento de Sartre foi definido por Merleau-Ponty como uma relação de contemplação, uma vez que se demonstrou sua posição, mas não quis se filiar, isso ocorreu porque “O opositor de fora nunca pára de provar que é fiel, a distância. O direito de crítica, que ele se reserva, não o usará, com medo de se exceder.” (MERLEAU-PONTY, 1955 *apud* WINOCK, 2000, 645).

Para esta análise, cabe destacar aqui, o papel que Sartre atribuiu ao intelectual na França no período pós-1945.

O intelectual lutaria simultaneamente contra a falsa *interpretação* da situação econômica, isto é, contra a ideologia da sociedade burguesa, mostrando a sua particularidade sob a pretensa universalidade, o seu papel, a sua teologia de classe, e, em segundo lugar, procuraria mostrar a *situação real*, quer dizer, situação da França hoje. (SARTRE, 1971, 26-27)

O engajamento de Sartre começou com a Resistência e, posteriormente, continuou através do seu trabalho em *Les Temps modernes*, do qual era editor. No entanto, foi durante a revolta de maio de 1968 que Sartre demonstrou todo o seu apoio às manifestações estudantis, que ele via como um caminho em direção ao socialismo que, naquele momento, estava sendo conduzido pelo movimento estudantil, algo inclusive que corroborava a sua tese sobre o papel do intelectual enquanto o ser detentor da teoria.

Coube a Petras (2004), posteriormente a Sartre, analisar os impactos que esse modelo de intelectual teve nas existências reais dos movimentos populares. Na sua avaliação, o modelo difundido de intelectual de esquerda buscou e ainda busca uma respeitabilidade burguesa (cargos em instituições acadêmicas, prêmios científicos e literários) que não condiz com o seu discurso, pois, ao buscar essa respeitabilidade, ele acaba por reforçar a hegemonia burguesa. No entanto, para Petras, Sartre apesar de ser esse intelectual de esquerda, rompeu com paradigma por pautar suas ações não buscando essa respeitabilidade, demonstrado principalmente pelo fato de ele ter recusado o prêmio Nobel de literatura, o que seria, dentro da lógica burguesa, o auge da carreira de um escritor.

A recorrência da IS em mencionar Sartre e lhe atacar, está diretamente envolvida com esses posicionamentos defendidos por este autor, como também pelo papel de destaque que ele detém no seio da intelectualidade francesa. A diferença de posicionamento entre os situacionistas e Sartre é enorme, o que, de certa forma, facilita os ataques e a contraposição que a IS realiza das posições de Sartre. Para a IS, a atividade

intelectual de Sartre, na forma como ela é dada, expressa, sobretudo, na posição de campanhas de esquerda, como a da Guerra do Vietnã e da Argélia, mas quando a luta de classes aperta a sua práxis não aparece, sobressaindo-se o discurso.

Os situacionistas enxergam nestes intelectuais – Sartre, Althusser, Henri Lefebvre – um novo estamento, que ao realizar a crítica revolucionária da sociedade existente, o faz em aspectos abstratos e sem uma base real, facilitam o papel de não serem entendidos e afirmam seus empregos, uma vez que, não se mostram como um perigo iminente ao sistema em vigor. A IS vê esse novo estamento como um desenvolvimento do processo de especialização que ocorreu nos meios revolucionários. Essa especialização é a responsável pela crítica considerada rasa que eles fazem, no entanto, esses intelectuais não conseguem fugir dessa lógica.

Os pensadores especializados só sabem sair do seu domínio para jogar a ser espectadores beatos de uma especialização vizinha, igualmente na quebra que ignoravam porém se há colocado em moda [...] Os especialistas do pensamento não podem ser mais que pensadores da especialização. Não pretendemos ter o monopólio da dialética, da qual todo mundo fala, mas apenas usá-la provisoriamente. (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2004, 128).

A crítica revolucionária capaz de avançar, segundo os situacionistas, seria aquela capaz de romper as barreiras da especialização e de construir uma nova prática política, como a que eles estavam fazendo. Para eles o significado de pertença a uma instituição oficial já era um sinônimo de que aquela crítica era falha.

E justamente sobre o papel da instituição oficial é necessário analisar as relações de Sartre com o Partido Comunista Francês (PCF). O PCF, segundo Drake (2013), construiu uma política no pós-Segunda Guerra Mundial que buscava aproximar os intelectuais do partido. Essa aproximação ocorreu, sobretudo pelo papel destacado que o partido obteve durante a resistência à invasão nazista. Para Drake (2013), essa aproximação consistia em ganhar apoio dos intelectuais e ter uma base operária, pois o PCF acreditava que estava a nascer revolução, assim cabia a ele

oferecer aos intelectuais a possibilidade de um vínculo com a classe operária – a classe do futuro – assegurando-lhes, ao mesmo tempo, que poderiam ser úteis – ainda que na prática o Partido fazia todo o possível para impedir qualquer aproximação entre operários e intelectuais. (DRAKE, 2013, 4).

As relações entre Sartre e o PCF sempre foram permeadas de profundos conflitos, uma vez que Sartre nunca foi um membro efetivo do Partido, mas sempre orbitou entre seus colaboradores. Para Drake (2013), há dois pontos essenciais que fazem Sartre não se filiar formalmente ao Partido: o primeiro é o fato de Sartre ser um “socialista anti-hierárquico e libertário” e também pelo fato de não concordar com a visão de marxismo



defendida pelo PCF. Relacionado a isso, o Partido tinha uma imensa necessidade de controlar todos os seus quadros, principalmente os intelectuais, por defender que a suas posições pequeno-burguesas, segundo Drake (2013), acabariam prejudicando os interesses do Partido. É dessa forma, que o PCF acaba realizando uma série de ataques a Sartre, principalmente ao seu existencialismo, por considerarem-na como herdeira do idealismo e deste modo refrataria ao materialismo. É necessário recordar que o PCF, ao ter uma adesão ao Comintern<sup>3</sup> e posteriormente ao Kominform<sup>4</sup>, adota a postura política da União Soviética como sendo a sua oficial, o que acaba acarretando com uma visão stalinista e altamente hierarquizada e centralizadora.

A relação entre Sartre e o PCF só começa a se “normalizar” em 1951 na mobilização em torno da libertação de Henri Martin<sup>5</sup> e faz com que o escritor se aproxime mais do Partido e consequentemente da União Soviética. Tanto que a convite da União Soviética viaja ao país em 1954, escrevendo logo depois uma série de 6 artigos para o jornal francês *Libération* exaltando àquele país, segundo Winock (2005).

A caracterização de estalinista que a IS imputa a Sartre, parte desta premissa e da sua defesa da União Soviética, principalmente a partir desses artigos. Pelo fato de ao visitar a URSS e ter acesso a todos os benefícios, para a IS, Sartre acreditava que aquela realidade era estendida, mesmo com as denúncias das perseguições e a falta de decisão dos trabalhadores no governo, isso não refletia para Sartre um problema que enxerga “a liberdade de crítica total na URSS” (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2004, 18). Para a IS, a posição de Sartre é a de

quem admite que uma burocracia hierarquizada pode construir um poder revolucionário, e admite ainda como um bem e um prazer o turismo de massas, tal como está organizado universalmente pela sociedade do espetáculo, poderá fazer as viagens de Sarte a China. (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2004, 60)

Sartre posteriormente afirma que os seus artigos escritos sobre a URSS, nada mais são que gentiliza pelo convite da viagem. Para ele, “Quando você vem a ser convidado

---

<sup>3</sup> Também conhecido como Internacional Comunista foi fundada pela União Soviética em 1919 e tinha como objetivo ser a congregar os Partidos Comunistas dos mais diversos países. Ela existiu até 1943 quando foi substituída pelo Kominform.

<sup>4</sup> O Centro de Informação dos Partidos Comunistas, fundado em 1947, tinha como objetivo preencher a lacuna – desde a dissolução do Comintern – da ligação internacional entre os diversos PCs do mundo. Na prática, reuniu apenas PCs europeu (na grande maioria dos países do leste europeu) e durou menos de 10 anos, tendo desde o início inúmeros conflitos pela imposição do Partido Comunista da União Soviética sobre a sua forma de uniformização política.

<sup>5</sup> Membro da resistência francesa ligada ao PCF, após a guerra foi membro da marinha na Indochina, sendo preso por fazer propaganda contra a Guerra. Sua prisão faz com que ocorra uma corrente de manifestações pedindo a sua libertação.

pelo povo, não se pode jogar merda neles apenas voltando para casa" (Sartre apud Spire, 2000).

O rompimento de Sartre com o PCF começa em 1956 com a Revolução Húngara. Para Winock, “a insurgência húngara de outubro a novembro 1956 foi uma oportunidade para Sartre descobrir um proletariado real fora do Partido. A velha equação: Partido Comunista = classe trabalhadora foi quebrada” (WINOCK, 2005, 8). Esse rompimento fez com que Sartre procurasse formular um esboço de um novo tipo de partido, algo que ocorreu após 1968, com a observação de Sartre dos eventos ocorridos em Paris. Para isso, ele redefiniu o que seria a vanguarda como sendo

não é uma organização política preexistente que guia e organiza a massa do movimento; é uma minoria atuante que manifesta por meio de ações explosivas seu rechaço radical e total da sociedade existente, com o fim de provocar um choque psicológico, e de chamar por meio de ações exemplares, mas que por meio de slogans, análises ou programas a insurreição geral. (SARTRE in CASTRO e ECHEVARRÍA, 2010, 29).

É interessante observar como essa noção de vanguarda defendida por Sartre encaixa, primorosamente, na atuação e na própria defesa que a IS faz do seu papel perante a sociedade espetacular. A discordância apresentada perante a ICO é o que faz a IS se portar como esse *novo tipo de vanguarda*, apesar de que ela ainda continue enxergando a questão da vanguarda com o aspecto negativo e voltado a uma prática bolchevique.

É neste ponto que Jappe (1999) baliza também a visão sobre o tipo de vanguarda que os situacionistas pretendiam ser. Para ele, “A tarefa de vanguarda não era portanto, segundo a IS, *suscitar*, movimentos revolucionários, mas fornecer teorias aos movimentos já existentes.” (JAPPE, 1999, 125). É interessante como os situacionistas fazem esse movimento a todo instante, seja na Revolta de Watts em Los Angeles ou sobre o movimento de libertação da Argélia. Para eles a teorização atinge um papel extremamente importante no processo de inserção das lutas e cabe a eles construir um novo modo de encarar e analisar a sociedade, por isso a necessidade de abrir as frentes no que se refere a análises.

Na nova noção de partido defendido por Sartre em que as diferenças eram mais viscerais e traziam o debate para um patamar de distanciamento. Sartre, apesar de afastado do PCF, ainda enxergava o partido como uma algo fundamental no processo revolucionário, um grupo que seria capaz de tomar uma posição firme perante uma crise revolucionária e não retroceder, algo que o PCF não foi mais capaz de fazer e Sartre sabia bem isso. Por isso, ele buscou um conceito de partido que fosse diferente daquele que

estava estruturado na França, que fosse capaz de apreender as novas dinâmicas do poder, que não tinha uma hierarquia centralizada e o intuito simplesmente de atacar o poder, mas que seu poder residisse nos

ativistas locais capazes de juízos e de iniciativas autônomas de acordo com as condições locais, capazes de suscitar e animar as discussões em assembleias livres, a auto-organização e a autodeterminação de cidadãos agrupados, a tomar o controle por eles mesmos de suas condições de existência coletiva. (SARTRE *in* CASTRO e ECHEVARRÍA, 2010, 33).

A partir dessa visão, pode-se perceber que Sartre não buscava a noção formal de partido, mais sim uma visão heterodoxa, capaz de aglutinar atuar, mas não dirigir a luta. Apesar de, neste ponto, as ideias de Sartre caminharem conjuntamente com as ideias situacionistas, o simples fato de ele propor algo como um partido, por mais que não fosse como nos moldes dos PCs, para a IS se colocou como algo descabido e contra revolucionário. Pois entendiam que mesmo que não tivesse essa estrutura a priori, quando o movimento de massas derrubasse o atual sistema, a estrutura do partido caminharia para um processo de hierarquização e burocratização, matando as experiências autônomas e que não estivessem sob a órbita do partido. Para a IS era com o predomínio dos conselhos que uma revolução proletária que instaure uma nova ordem poderia ocorrer, porque a existência de um partido significava a existência de “uma organização revolucionária existente antes do poder dos Conselhos – e ela tem de encontrar na luta sua própria forma – já sabe que *não representa* a classe. Deve apenas reconhecer-se como separação radical com *o mundo em separado*” (DEBORD, 2006, 84).

### Conclusão

A posição da IS de não ceder aos seus pontos, para construir uma coligação maior era, de certa forma, a responsável por evocar questões e polêmicas como as levantadas por Sartre, uma vez que, como demonstrado, as ideias, apesar de terem o mesmo fim, e até mesmo alguns métodos, foram levadas em consideração pequenas desavenças como sendo grandes problemas.

O mais interessante deste ponto foi que a IS procurava fazer esse distanciamento através da desqualificação das obras desses intelectuais. Com Sartre, esta visão se tornou muito mais acabada e desenvolvida, pois era justamente Sartre o intelectual capaz de unir os dois extremos da esquerda francesa em uma única causa, como foi o caso do Manifesto dos 121<sup>6</sup>, escrito durante as lutas para a independência da Argélia.

---

<sup>6</sup> O Manifesto dos 121 foi um manifesto lançado por intelectuais franceses ligados às revistas *Les Temps Modernes* e *Letters Nouvelles* e que pregava o direito do povo argelino a sua autodeterminação e o direito

## Referências

CASTRO, CARLOS; ECHEVERRÍA, Bolívar (org.). *Sartre, los intelectuales y la política*. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/19735332/Sartre-JeanPaul-Sartre-los-intelectuales-y-la-politica-compilacion-1965-1968> acesso: 03/06/2010

CONCEIÇÃO, Marcus Vinicius Costa da. Plágio, Cotidiano e Revolução nas Análises sobre a Comuna na França. In: Nildo Viana. (Org.). *Escritos Revolucionários sobre a Comuna de Paris*. Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2011, p. 217-226

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

DRAKE, David. Sartre y el Partido Comunista Francés (PCF) tras la Liberación (1044-1948). *Sens Public: Revista Internacional Web Journal*, 2013/2. Disponível em: [http://www.sens-public.org/article.php?id\\_article=1024](http://www.sens-public.org/article.php?id_article=1024) Acesso em: 10 de dezembro de 2014.

ENRAGÉS. Uma rajada de vento na macieira japonesa. Nanterre, 19 de março de 1968. In: INTERNACIONAL SITUACIONISTA. *Situacionista. Teoria e prática da revolução*. São Paulo: Conrad, 2002. pp. 136.

GOMBIN, Richard. *As origens do esquerdismo*. Lisboa: Dom Quixote, 1972.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. *¿Por qué miente I.C.O?* In: *Internationale Situationniste*, nº1, outubro/1967. Madrid: Literatura Gris, 2001, pp. 623 – 626.

\_\_\_\_\_. *Ahora, la I.S.* In: *Internationale Situationniste* nº9, outubro/1964. Madrid: Traficantes de sueños, 2004, pp. 126 – 128.

\_\_\_\_\_. *Dominación de la naturaleza, ideologías y clases*. In: *Internationale Situationniste*, nº8, Janeiro/1963. Madrid: Traficantes de sueños, 2004, pp. 58 – 69

\_\_\_\_\_. *El cuestionario*. In: *Internationale Situationniste* nº 9, outubro/1964. Madrid: Traficantes de sueños, 2004, pp.146 – 149.

\_\_\_\_\_. *Los malos días pasarán*. In: *Internationale Situationniste* nº7, abril/1962. Madrid: Traficantes de sueños, 2004, pp. 11 – 18.

\_\_\_\_\_. a recusa dos franceses em participar da guerra colonial. Entre os signatários do manifesto constam Jean Paul Sartre, Henri Lefebvre e Daniel.

\_\_\_\_\_. *Manifesto*. In: *Internationale Situationniste* n°4, junho/1960. Marid: Literatura Gris, 2001, pp. 144 – 146.

JAPPE, Anselm. *Guy Debord*. Petrópolis: Vozes, 1999.

PERNIOLA, Mario. *Os situacionistas: o movimento que profetizou a “sociedade do espetáculo”*. São Paulo: Annablume, 2009.

PETRAS, James. Os intelectuais de esquerda e sua desesperada busca por respeitabilidade. In: MORAES, Dênis (org.). *Combates e utopias: os intelectuais num mundo em crise*. Record: Rio de Janeiro, 2004. pp. 81 – 92.

SARTRE, Jean-Paul. O intelectual face à revolução. *O escritor não é político?* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1971. pp. 09 – 31.

\_\_\_\_\_. *Que é a literatura?* São Paulo: Ática, 2004.

SPIRE, Arnaud. Sartre et le PCF : une pensée réfractaire à tout bilan. Regards, 1er avril 2000. Disponível em: <http://www.regards.fr/acces-payant/archives-web/sartre-et-le-pcf-une-pensee,1901> Acesso: 10 de dezembro de 2014.

WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_. Sartre s’est-il toujours trompé? *Revue L’Histoire*, n°295, février 2005.

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar a relação da Internacional Situacionista e seu posicionamento crítico perante alguns intelectuais da sua época (1950/70), em especial Sartre. Tal escolha justifica-se pelo lugar de destaque ocupado por esse pensador no palco das discussões políticas na França do pós-Segunda Guerra Mundial.

**Palavras-chave:** Internacional Situacionista, Sartre, Intelectuais.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo analizar la relación de la Internacional Situacionista y su postura crítica hacia algunos intelectuales de su época (1950/70), en particular Sartre. Esta elección se justifica por el lugar destacado que ocupa ese pensador en el escenario de los debates políticos en Francia después de la Segunda Guerra Mundial.

**Palabras-clave:** Internacional Situacionista, Sartre, Intelectuales